



1648 - LIBERTAÇÃO DE ANGOLA – A CONTRIBUIÇÃO MILITAR BRASILEIRA



Cel Claudio Moreira Bento

Historiador militar e também jornalista e ex- comandante do 4º Batalhão de Engenharia de Combate em Itajuba-MG 1981-1982 e um dos historiadores da Arma de Engenharia e da Academia Militar das Agulhas Negras .Presidente e Fundador da (ACANDHIS) e sócio benemerito do Instituto de História e Geografia Militar do Brasil (IGHMB) e do Instituto Histórico e Geográfico Brasileiro (IHGB) e integrou a Comissão de História do Exército do Estado-Maior do Exército. O autor e Aspirante a Oficial da Arma de Engenharia. declarado em 15 de fevereiro de 1955 Turma Aspirante Mega. Foi instrutor de História Militar na AMAN em 1978-1980.Fundou e preside desde 1º de Março de 1996 a Federação de Academias de História Militar Terrestre do Brasil (FAHIMTB) desde então acolhida pela AMAN em suas

instalações. Natural de Canguçu –RS onde nasceu em 19 de outubro de 1931, entre as revoluções de 30 e 32 que empolgaram Canguçu. Estudou no Colegio N.S Aparecida 1938-1944, durante periodo que coincidiu com a 2ª Guerra Mundial.

Esta trabalho foi digitalizado para ser colocado em Livros e Plaquetas no site da FAHIMTB www.ahimtb.org.br e cópia impressa no acervo da FAHIMTB, doado a AMAN em Boletim Interno e a ser integrado no Programa Pérgamo de bibliotecas do Exército

1648 - LIBERTAÇÃO DE ANGOLA - CONTRIBUIÇÃO MILITAR BRASILEIRA

Em 1648, no contexto da dominação holandesa do Nordeste do Brasil (1624-54), entre as batalhas dos Guararapes, uma expedição militar com expressiva participação carioca e fluminense cruzou o Atlântico, a partir do Rio de Janeiro, e desembarcou em Luanda e, depois de singular mas muito cruento combate, conseguiu a rendição das forças holandesas que dominavam Angola fazia exatamente sete anos. Esta expedição se insere como a primeira participação militar extra-continental do Brasil, antes da FEB, e das missões de Paz em São Domingos e no Suez.

Recordá-la é oportuno no momento e lembrando que o Brasil, a serviço de Paz Mundial, pela ONU, se fez presente de duas formas em Angola: a primeira através do General Péricles Ferreira Gomes Observador em Chefe da UNAVEM encarregada de constatar a retirada de 50.000 militares cubanos de Angola até junho de 1991; e a segunda por representar também o Brasil, junto com mais sete militares brasileiros na UNAVEM, integrada por oficiais de mais 10 nacionalidades ainda a serviço da ONU conforme registrou o Noticiário do Exército de 12 de janeiro de 1989, no ano do Centenário da Bandeira e República Brasileiras.

Preparativos da Expedição de brasileiros a Angola

Em 23 de março de 1648 uma Esquadra comandada pelo General Salvador Correia de Sá e Benevides chegou ao Rio de Janeiro com a missão de organizar uma expedição para libertar Angola e que tinha importância fundamental para a Holanda obter recursos e continuar a guerra, e para o Brasil a fim de restabelecer o fluxo de escravos com a finalidade de dinamizar a cultura canavieira no Rio de Janeiro e Bahia. Os moradores do Rio concorreram com a avultada quantia de 60.000 cruzados de empréstimo para financiar a expedição. Esse dinheiro tornou possível mobilizar pessoal, munições, navios e provisões para seis meses. A esquadra compunha-se de 15 navios de guerra.

A tropa era nucleada pelo Terço do Rio, trazido por Estácio de Sá em 1567. Unidade que, por evolução histórica, tem o Regimento Sampaio a honrar suas tradições. Ela numerava cerca de 1.400 homens, entre soldados e marinheiros, **"afora muitos voluntários, provavelmente marinheiros e soldados"**.

A travessia do Atlântico

A esquadra deixou o porto do Rio de Janeiro em 12 de maio de 1668, com destino Quicombo, em Angola, ponto de reunião combinado.

Partiu comboiando 25 navios mercantes carregados de açúcar com destino a ilha de Ascensão . A partir deste ponto os navios seguiram sózinhos e sem escolta até Portugal.

A travessia que durou dois meses, foi difficillima com mar bastante agitado. Ela foi aproveitada para bem adestrar militarmente os expedicionários que compunham a expedição e para preparar granadas e outras munições e simulacros de soldados.

A esquadra avistou a África em 12 de julho e fundeou no destino, em 27 de julho, com 11 navios. A esquadra foi atingida, na noite de 1^o de agosto, em seu ancoradouro, por um maremoto que afundou o "**São Miguel**", o melhor da expedição e matou cerca de 200 dos melhores soldados expedicionários de Infantaria.

Uma chalupa enviada à terra para reconhecimento foi atingida pelo maremoto que vitimou parte de sua tripulação, sendo o restante devorado por canibais.

A situação dos portugueses em Angola era crítica, haviam sofrido duros reveses. Estavam com seus dias contados.

Desembarque em Luanda

Salvador de Sá fez vela para Luanda. Na foz do Massangano, desembarcou um destacamento para ligar-se aos portugueses e pedir-lhes que marchassem para Luanda, para auxiliá-lo na tomada do local. O destacamento foi preso por nativos e entregue aos holandeses que então conheceram os planos de Salvador de Sá, o qual ficou confiante no apoio dos portugueses, por ignorar o destino do seu destacamento que não pôde cumprir a missão.

Em 12 de agosto, a esquadra surgiu frente a Luanda defendida por dois navios que se fizeram ao mar ao reconhecê-la. Foram presos dois pescadores negros que revelaram a Salvador que Luanda estava defendida por 250 homens que haviam se retirado e fortificado nos fortes do Morro e no da Guia (sopé). E mais, que cerca de 225 holandeses ao comando de Pieterzoon e junto com a rainha Zinga estavam a caminho de Luanda.

Dia 13 de agosto, Salvador desembarcou emissários e tentou obter a rendição pacífica de Luanda. Os defensores pediram um prazo que aproveitaram para reforçar suas defesas. Decidiram pela resistência. Em 15 de agosto, dia de N. S. da Assunção, Salvador de Sá desembarcou suas forças e tomou dispositivo em larga frente, aparentando, por diversos estratégias, possuir mais força do que em realidade dispunha.

Ataques a Luanda e aos fortes Morro e da Guia

Salvador marchou sobre Luanda com 1.000 homens, dos quais 800 soldados e 200 marinheiros. A meia distância de Luanda parou para descanso e uma missa. Depois ordenou o ataque a Luanda. Foi fraca a resistência encontrada. Ela concentrou-se nos fortes da Guia e do Morro.

No dia 16 de agosto, Salvador tentou bombardear o Morro com canhões de pequeno calibre trazidos de bordo ou recuperados dos defensores. Os capitães de Infantaria do Rio de Janeiro insistiram com Salvador para um ataque geral. Este foi decidido em Conselho de Guerra e para um pouco antes do alvorecer do dia 18 de agosto, com três colunas simultâneas somando 400 infantas: Duas sobre o forte do Morro e uma à direita, sobre o forte da Guia (sopé). Como finta, a guarnição dos navios em escaleres simulou um ataque diversionário, por mar. Os ataques das colunas, que deveriam ser simultâneos, foram sucessivos, em razão de coluna central, por haver percorrido caminho mais curto, haver se engajado no combate, sem esperar as demais.

Os defensores foram contra-atacando por partes as colunas atacantes e concentrando sobre cada uma toda a capacidade defensiva. Eles usaram largamente foguetes e tochas que ajudaram a localizar, próximo do alvorecer, os atacantes e cobrar-lhes pesado tributo em vidas com seus canhões e mosquetes.

As três colunas continuaram a atacar as posições fortificadas, com persistência, até o raiar do dia, registrando-se até então cerca de 150 baixas, sobre 400 homens dos efetivos atacantes, numa proporção próxima 2 atacantes e 1 defensor entrincheirado.

Salvador vendo a inutilidade do ataque ordenou a retirada. Os defensores registram três mortos e oito feridos e vários de seus canhões explodiram durante o combate, em razão dos numerosos disparos que deram.

E surpresa geral, mesmo em retirada dos atacantes e não percebida pelos defensores estes se renderam aos atacantes.

A situação da expedição era crítica. O naufrágio do "**São Luiz**", o desaparecimento de dois destacamentos e mais o combate que findara, com rendição inesperada dos defensores, foram responsáveis por 400 baixas, num efetivo de 1.400 homens da expedição.